Poemas de andrajos

MAIKE CABRAL

“Se é bom viver, ainda é melhor sonhar e, o melhor de tudo, despertar.”

Antônio Machado Y Ruiz

UMA VOZ NO SILÊNCIO

É no silêncio que todas as almas cantam alegria.

Alegria sútil e perene, fina como a flor da noite que guarda suas cores para o sol doador.

Nenhum ruído é capaz de calar a voz que surge nestas almas pois tal voz não é elas, não é delas, é por elas.

É a voz mais firme e concreta que nenhuma linha poderá descrever.

O mais profundo instante diante qualquer espetáculo imaginado no ser.

Uma voz soturna, esquiva, difícil de se ouvir pelos gritos inefáveis de nossa estúpida agitação.

Doce como a língua diz, quente como o corpo sente. A voz não é dada a quem não se dê pois vê tudo e além que se crê.

Não é simples sinapse que no auge de sua inatingível experiência engana, profanamente, incautos incrédulos.

Não é sonho acordado, dirigido ou surtado – mudo - discreto prazer.

É a voz da sua morte, sua sorte, sua escapada final do atômico levante chamado *você*. Este ente sem ente, esta mente que mente, este ter por não ter.

A voz do silêncio é aquela que desde infindas eras sou eu mesmo sem ser.

É a voz sem palavras, a voz tripartida, a voz do perder.

Perder os chiados, remendos farrapos, razão do perder.

O DUPLO

Entrando pela porta dos fundos

ou pela cúspide frontal do céu

cada parte do meu ser contrapõe-se

ao eterno vai e vem das expectativas mais hostis.

Não é belo, não é atroz, nem ao menos pérfido ou feroz

apenas um desaguar nas vísceras do dia comum

aguardando as migalhas do paraíso.

Nunca fui um quadro exuberante ou uma canção bem composta

arremedo de qualidades furtivas, quiçá, fugitivas

esta vida dupla está por ter fim.

Só restará um diante do princípio,

o outro, queimará lentamente no cenáculo dos atormentados.

Ninguém sentirá falta da metade negra do dia

mas cantará odes ao escolhido

que subirá às nuvens sedento por luz

lançando olhares aos esquecidos.

DIA CINZA

Onde o sol brilha escondido se esconde o Deus dos olhos

nada poderia ser sem sua atualidade.

Quando as massas tênues e úmidas trafegam frente sua majestade

nossa percepção ainda se farta daquela beleza que faz de tudo um existir.

Talvez seja este que escreve estas linhas o verdadeiro cinza do dia

o algoz solitário da alegria luminar.

Mesmo que seja, aquele que tudo vê ainda assiste, ainda existe, ainda insiste.

Só me resta agora reparar minha cizânia

frente aquele que nunca é escondido demais para se fazer presente

enquanto sou cinza em vista de minha luz ausente.

O BANQUETE

Chamados foram ao banquete aqueles que tinham sangue nobre e azul, doce e brilhante.

Porém, estavam eles sonhando manjares muito além do que mereciam.

Ainda assim, estes manjares imaginários, estavam muito aquém daquele que os convivas do anfitrião ofereciam.

Assim começou a desgraça dos primeiros convidados: o que desejavam comer, não estava disponível, e o que deveriam comer, lhes era desprezível.

Neste momento o olhar soberano se virou e encontrando esfomeados que buscavam entre areia e pedras sua refeição, eis que o banquete chegou a seus paupérrimos gostos.

Neste caso, não era também o que buscavam, mas era além do que imaginavam.

E tão grande surpresa não faltou, pois de todos seus anseios se fartou, tanto o gosto quanto a alma.

E naquela festa só um não fartou, justamente, aquele que não afastou - de si - um gosto particular da imaginação.

Maldito seja este que não se livrou de seus apetites fantasmagóricos.

E MALDITO É O FRUTO

Ela foi visitada.

Ela foi convidada.

E deu tudo o que tinha.

Dentre todas as possibilidades, só viu uma.

Nenhuma outra podia existir, embora pudesse.

Foi grata por tão grande bênção.

Foi serva! Nela tudo se operou.

Não hesitou frente a responsabilidade.

Em três meses seu tesouro já brilhava, minava alegria, consertava o próximo.

Daí para frente tudo aconteceu.

Não só o que era seu, mas o que a possuía desde sempre.

Isto foi no centro do mundo, da história e do tempo.

O que aconteceu não desacontece, eis a regra dos primeiros princípios.

Seu fruto foi bendito.

E isto que sucedeu repercute por toda a eternidade na vida das pequenas criaturas que, tais quais ela, esperariam uma visita, um convite.

Porém, como as agruras do inferno insistem em imitar às avessas, como num espelho, a realidade puríssima, também as pobres criaturas se enganaram pelo falso ouro do intruso.

Não toleram mais a visita, não aceitam mais o convite.

Não se modelam mais à criatura por excelência.

Em três meses pode-se apagar o brilho sútil de uma pessoa imortal.

Em tão pouco tempo pode-se descartar um habitante do céu.

E, ao lado de tão tristes figuras, uma horda de demônios faz vigília, urrando e pulando, sedentos pela inversão!

Está consumado...

O templo se torna túmulo.

O túmulo se torna bandeira.

E maldito é o fruto.

PEDRA E CARNE

Foram dados aos homens, formados de pedra e carne. Estavam ali duas condições.

Na parte de baixo do tempo imperou um; na parte do alto se abriu outro.

Alguns trocaram a dureza pela sutileza.

Outros, rígidos pela força da gravidade, não previram a diferença de natureza.

Mas existem os que sequer são aptos a ter uma pedra em seu peito.

Vazios, não captam a lei escrita, tão pouco a não escrita.

Estes são o mar donde a grande fera se ergue.

O mar que se agita e não tolera a existência de pedra ou carne.

Sua lei é a desordem, a rebelião.

Sua ordem é o vazio, a multidão.

Seu coração não é de pedra, não é de carne.

É um gelo que arde, derrete o verão.

É de líquido salino, espesso, incapaz de forma e semelhança.

É o coração da fera, o coração do dragão.

Sem sangue e sem consistência.

O vislumbre da eterna decomposição.

Sem direção, sem saída.

Torre que se ergue em direção aos céus, enquanto a base esfarela sem cessar.

Ausente a rocha para firmar, e o sangue novo a vivificar, não tem a firmeza a que sustentar.

ELES NÃO TÊM VINHO

Para que um elemento se transfigure em outro é necessário a ação de um diverso.

Este diverso é o responsável pelo milagroso fundir que leva a marca de uma divina mão.

Temos a pedra, a água e uma possibilidade.

Mas a mão, que transforma tudo isto em alegria fulminante, não está em nossa posse.

Esta mão é o diverso, um verso que soa como canção.

É o que manda e diz.

É o que faz aprendiz os vasos de pedra.

Estes oferecem sedentos elementos.

Entregam a matéria pela qual poderão se tornar um outro.

Mas a mão do diverso exige que se entregue tudo, totalmente! para atingir sua máxima perfeição.

Por esse motivo, a pedra deve conter a água e a água conter a potência que, transfigurada pelo elemento divino, faz brotar o elixir bom que embriaga tudo.

Nós não temos vinho.

Somos águas virgens em seis dias de pedra.

O INTRUSO

Ele vem disfarçado e até colorido com tons da verdade.

Ele entra e sai, levanta e cai, mas é certo o perigo.

Ele come e mata, reduz e achata, alturas infantis.

Ele é podre e forte, se veste de sorte, em torres senis.

Ó, intruso, por que és assim?

Por que não sai de mim?

Me deixe nadar pelo vale real!

Pois bem, perturbe, assuma enfim.

Seu desejo carnal se desfaz no sopro de um Serafim.

Este papel de olheiro, algoz zombeteiro, não merece meu sim.

O sinal de tua morte é consorte ao odor de um rico jardim.

Onde os pobres pais, cederam à língua, ardor do teu fim.

DEBAIXO DA FIGUEIRA

O mestre nos vê sempre que estamos debaixo da figueira, ou seja, à sombra do Espírito.

Sempre procurando em nosso mar turbulento uma estrela, figura do céu.

E se dedicarmos atenção ouviremos a suave voz nos dizer: eis aqui um homem sem tartufice.

Não podemos nos curvar a esta tendência inerme da negação.

Que nos induz ao erro e a danação.

Ao crepúsculo triste da bifurcação.

Repousemos, assim, sob a sombra da frondosa árvore.

Acolhedora e formosa.

Feliz e bondosa.

Que nos recolhe aos píncaros da luz que a cobre.

E ameniza a ânsia de quem a ti se dobre.

LETRA MORTA

Os poetas morrem de fome, os filósofos morrem de sede.

Macacos versados que balbuciam sentenças ignóbeis se fartam do *odoiá* distribuído nas entranhas do inferno.

É estranha a nossa atual "casa comum", como gostam de dizer os prosélitos do *Scheol*. Não há nada mais de verdade nos lábios desses homens de letras.

Subsistem apenas labaredas fétidas que anunciam a revirada final de toda e qualquer sanidade primordial.

Isto afeta toda a esfera humana enquanto tal.

Até mesmo aqueles que ignoram o mundo das letras recebem sua herdade pelo odor pútrido dos deuses escriturários.

Pois são estes deuses fajutos e famintos que disseminam o polem fecal que pervade a atmosfera habitual onde Deus colocou suas inteligências.

As palavras foram criadas, invariavelmente, para transladar através do mundo das intuições reais afim de facilitar e tornar possível, primeiramente, a existência concreta de tais entes divinamente pensados.

Porém, pelo traço malfadado dos antípodas do Senhor do universo, sua aldrabice se espalha como enxame de pragas mortais que devastam os campos e vegetações naturais.

Só a opulência nefasta e seu jogo de luzes virtuais subsistem num mundo como este.

É por isso que precisamos de bocas falantes que confiram com a Voz que veio do céu. Foi através de sua palavra que todas as coisas ganharam vida.

Em contrapartida, foi pela boca de lobos saltimbancos em busca de sinecuras que sustentam galáxias de fantasias e masturbarias que todas as coisas ganharam morte, desde o jardim sem mal!

Levantai, ó homens verazes! e derribai os séquitos de ossos infantis daqueles que profanam a via pela qual a via se faz presente.

A BÚSSOLA DA FELICIDADE

Bem disseram-me os grandes mestres sobre o ciúme de Deus para com nossas almas, pois o Senhor não tolera bigamias em relação a seu amor.

Não aceita ser enfeite em um coração estilhaçado e quer alargar por completo as estreitezas ridículas de nossos corações.

Nada podemos reter em nossos aposentos que não seja a presença do bom Deus, Ele que não cabe em lugar algum que não seja um coração generoso.

Nos limites da nossa vontade Ele se compraz em repousar com sua infinita bondade, alargando-a conforme assentimos, sujeitando-a na medida em que pedimos.

Contudo, é através da oração que Deus penetra nesta gruta escura.

Mas falar-lhe é exercício difícil se não soubermos ao certo quem Ele é.

Podemos dizer, Deus! Meu Deus! sem ao menos ter a certeza de que não estamos falando com um nome, um conceito abstrato, com nós mesmos ou com a parede...

O conceito pode ser real, mas não é ele o Deus.

O nome pode indicar, mas não nos escuta.

Nós somos suas criaturas, mas nada além disso, se não nos tornarmos suas deliberadamente.

Para saber quem é o Deus vivo que fala e faz, que escreveu pelas mãos humanas e desceu a nossa baixeza, precisamos de um exercício bastante singular.

Este exercício é o canal pelo qual nos preparamos para falar de fato com Ele e não apenas com seus simulacros.

O meio, que ao mesmo tempo é um fim, e pelo qual este exercício está proposto, é distribuído gratuitamente, semanalmente, quiçá! diariamente, mas ninguém o percebe...

Procure onde está essa bússola e sairá desta vida acompanhado da mais pura felicidade, a única que há.

A bússola infalível, singela, pouco atrativa aos sentidos.

A bússola dos penitentes, desérticos, fiéis e pacientes!

A bússola dos mártires, ascetas, virgens e doutores.

A bússola do céu aberto no âmago de sua vontade, tão infinitamente grande quanto o mar que segura os pingentes da noite.

Procure esta bússola, só ela irá te ajudar a falar com o princípio de todas as coisas.

Não irei dizer onde ela se encontra, pois bem sei que tu sabes à grande monta.

O DIABO PROTESTANTE

É no introito da quaresma que o diabo vianda vielas procurando católicos para tentar.

Procura, escuta, agacha e torce o rabo, na sanha feroz de quedar.

Sonda, perscruta, remove e salta, o diabo é mestre em falar.

Está envolto em meio à multidão, soprando em ouvidos moucos um pouco de sofreguidão – “tu irás morrer, tu irás perder, tu irás tombar”.

Mas o católico, com terço na mão, desvia as agruras no beiço do cão e se põe a rezar. Reza, ora, horas reza sem parar. Nos ônibus e nas ruas segue sua alma a clamar, enquanto o diabo desgraçado, insiste em pregar – “tu irás morrer, tu irás perder, tu irás tombar!”.

Por onde passa, o católico assiste o espetáculo da morte que insiste em não olvidar - morte por todo lado! morte no ar, morte nos ouvidos, nos esquifes, morte no olhar. Mas a morte viva e feliz, divina imperatriz, insistem ocultar.

O diabo explode de suma alegria em ver suas crias a precipitar.

Caindo em seu conto, perdendo o juízo, em meio a bramidos se pondo a ralhar – “eis minhas tolas crianças, *diz o diabo*, esquecidas da vida na morte a pensar! Enquanto os dias de sua emenda, se vão a passar!”.

O católico atento, seguindo o intento, não cai sem lutar.

Escuta as propostas, da besta amorfa e procura calar.

Mas velhas senhoras, atônitas e ansiosas, o diabo toma a usar.

Por suas bocas manhosas, delicadas propostas, expõe sem cessar – “o que é quaresma, não sei o que há? Nunca ninguém me explicou, o que é que será?”.

A reposta não foi a que esperava, mas se pôs a escutar.

O católico, solícito, no zelo apostólico, tentou explicar.

Porém, o diabo, na figura da velha, tratou de as mãos esfregar.

E como num deslumbre, tendo em vista seu amante, a alma pôs-se a contemplar!

O diabo vociferante, que se fez protestante, para lhe queimar.

Protesta contra aqueles que pelo espírito de seu tempo não se deixam levar.

O TEMPO DOS SINAIS

Na mão direita e na testa, no pensamento e na ação.

A marca que aglutinou toda a humanidade dentro da cerca de um novo reino está apenas no começo de sua grande função na tribulação.

Para quem acredita que estamos no fim dos tempos, um soar de sino – acorde! -, o fim dos tempos já passou.

Estamos agora no estômago dos tempos, em seu suco gástrico astral, digeridos, revolvidos, consumidos, assimilados pelo grande Cronos, deus dos homens de terra seca.

Seus espantalhos psicastênicos perderam a liberdade de ação e pensamento, vontade e entendimento, e nem perceberam que estas coisas existiam, pois o tolo quando é eximiamente tolo jamais percebe o que se perde pois já não percebia a própria existência do que se perdia.

Entregaram tudo as mãos dos sacerdotes do tempo e da história, incumbidos de arrastar as mentes ao torvelinho do grande demônio dos ares.

São estes que manejam a glosa do movimento, conduzem o fluxo das perspectivas.

Não conduzem os acontecimentos, mas sim, suas interpretações.

Nada se faz, nada se pensa fora do fétido hálito temporal que proclama: eis aqui, *ei-lo logo ali*!

Os sinais estão postos. Sua mente e seu poder de ação estão aguilhoados pelo grande demônio dos ares, chefe dos falsos profetas, príncipe dos espertos homens de terra que ainda procuram o Éden escondido entre as pernas da mãe Gaia.

Então, marcados e domesticados, regados e brevemente colhidos, seremos de fato conduzidos ao verdadeiro monte *Megido*, local da purificação final.

Neste momento seremos testados, colocados em frente à virtude para negá-la ou abraçá-la.

Ali lembraremos, naquele instante, das coisas perdidas e jamais sentidas, roubadas e jamais ressarcidas, amadas e jamais benditas.

O contexto presente é apenas um ensaio onde dormimos no tubo.

A caravana dos sábios sem joelhos passará em breve.

Quando vedes, não vades, *tampouco os sigais*.

O BRANQUINHO DO QUILOMBO

Lá vai o branquinho com a bolsa no lombo

Cruzando as ruas do novo quilombo

As ovelhas são negras e o lobo incolor

No subir da ladeira, sem medo e sem dor

Ao redor muitos homens prementes no olhar

De vida abastada com ranço no olhar

A cor se fez borda em delírio senil

Mas a alma tão pura resiste ao ardil

Quem irá fazer frente ao império color?

Onde carcaças moribundas se prostam em louvor

Realizam desejos - tão negro torpor!

Se fartam felizes, felizes por pôr...

... suas línguas à mostra na regra infeliz

Regurgitam a gíria de um velho aprendiz:

- Sou coloreável - Meu mestre quem diz!

Panaceia central, reboco cariz

O ponto focal, o mal infeliz

Branquinho, o quilombo lhe torce o nariz

Pois a pele é o que move os demônios servis.

ESCURO FRIO QUE ACLARA A ALMA

Uma profunda tristeza abateu meu coração

Entrego a Deus este momento

Pois nada haverá de ser se não for do Teu sonho primaveral.

As águas correm pelos aquedutos frios e congelados de meu coração

Em direção a solidão da noite que cai sobre nossas cabeças

Enquanto a majestade assiste tudo com amor e compaixão.

Não tenho asas, tenho mãos

Apenas a liberdade de muitos sins e muitos nãos

E isto é tudo, meus caros, isto é tudo que podemos.

Andarilho da repetição reproduz a dor que um dia sentiram por nós

Mas a nossa parte é tão pequena... ínfima... vazia

É só um duro golpe no amor que temos pela nossa própria desgraça.

Escuro frio que aclara a alma...

Sofrer é um privilégio, mas gozar é um sacrilégio

Se não ordenarmos estas cargas a Deus.

UM TRISTE ADEUS

Um triste adeus: eis como iremos nos separar
Dos sorrisos, dos olhares, do simples respirar
Perder o tempo em falar
Não mais ver aqueles que queríamos aqui.

É triste o adeus de quem algo tinha a falar
Mais triste o momento em que tudo há de calar
E o que ficou a ser dito, jamais dito será.

Os olhos se fecham na escuridão de uma soledade imposta
Os últimos dias são esperanças de lugares já conhecidos
- *Onde estão aqueles pelos quais minha vida é vida?*
- *Por onde passam seus passos quando tudo me foi vedado?*

Não há maior crime do que tapar a fresta da vida aos agonizantes

Separando-os das alegrias, dos amores, dos andantes
Do calor daqueles que podiam ainda os aquecer.

Mas, o mundo se tornou este cemitério onde jazem os corações defuntos
E quem ainda ama, ama sem gozar
Somente o ódio insano se insinua sem cessar
Tornando as tormentas da vida rios a se banhar.

Lágrimas correm, mas disso o amor se alimenta
Mesmo *escondido*, sabemos que está aí
Pois até na ausência, tua lembrança nos acompanhará.

DE GRAÇA, ATÉ INJEÇÃO DE TESTE

Será que nós brasileiros, tão espertos tão matreiros, aceitaríamos a vacina de bom grado se não fosse o fato de do bolso não sair dinheiro?

Será que a máxima "de graça até injeção na testa" já não atesta o profundo mal em entregar a certeza pela dúvida?

Vocês repararam quem faz, quem vende, quem induz à picada levar? Quem compra, quem obriga, quem cria slogans para aceitar? Não, provavelmente não.

Pois este é um teste, o maior de todos, do que está a te esperar. Pesquise sobre técnicas de implantação de dispositivos no corpo, como estão a prosperar.

Se é que você ainda consiga ler mais de três linhas sem se flagelar. Talvez entendamos juntos que, de graça, nem na testa nem no braço vale a pena levar.

O MONÓLITO DE KUBRICK

Enquanto macacos aprendem a revolução com seus tacapes ossudos
E os astronautas revestidos em membranas de aço vasculham o vazio
Há um monólito que silenciosamente os induzem e impulsiona.

Entre eles, estamos nós em nossas gaiolas herméticas
Sondando o espaço às apalpadelas
Vidrando secos olhos na umidade de um sonho elucido.

Os macacos encontraram
Os astronautas seguiram
Enquanto nós dormimos.

A pedra negra é uma marca em nossas mãos e testas
Guia nossa mente e conduz nossa ação
Ela nos impõe uma presença sem referência.

Kubrick não tinha razão
Não é até ao espaço que os macacos seguiriam seu ídolo
Mas aos ossos revolucionários que permitiram seu auxílio.

DOZE VIDAS

Como iremos contar o tempo que passou
Através dos dias, dos olhares
Dos anos ou dos manjares
Que o mesmo nos reservou?

Não temos casa ou carruagem
Sequer nome gravado ao relento
Qualquer sopro ou leve vento
Nos move a doutro teto à ancoragem

Nos chamam *loucos!* os assoberbados imprevidentes
Torpes, mendigas lesmas de espíritos marginais
Pois não dobramos vilmente nossos pobres joelhos a seus cabedais

Antes corremos infantes, banhados na luz que brilha do alto
Sem duvidar da verdade que arde feliz num imenso farol
E assim vivemos nossas doze vidas cientes felizes sob ditoso sol.

ALMAS NEGRAS, VENTRES PÁLIDOS

Tornam a vida um tabuleiro de xadrez quando esquecem o sopro na busca da tez
Por engano, relutam em não cair, pelo menos naquilo que digno seria
A cor prevalece quando a quantidade pronuncia as altas baixezas, os xeques da mesa
Os sentidos exortam, a mó descarrilha, um rei escondido nas coxas da rainha

O torpor negro das almas está no pálido ventre
O roer das togas, no mau presente
Sendo o *Zug* dos fracos, mover crendo vantagem se torna pertinente aos obtusos pajens das massas

Que descompasso! cospem os malditos

No tablado ninguém se confunde! choram as vespas

Mas o limite geométrico é indissolúvel: é sobre os dois que as cortes se movem.

MANJARES ACERBOS

Servida num prato de prática adultera

Direto à lustrosa garganta de Herodes, o fanfarrão

Uma santa cabeça que não resiste ao mal secular, antes o evita em sua vasta clareza

Sorri calidamente aos convivas vespertinos da grotesca comédia

Aquela mesma, que nunca deixa de ser celebrada pelos Esaús ageusiados.

Não há mar que sustente o salgar deste ensejo quando a sede remota pervade a saliva doente dos obstinados dançando ao rei

Buscando com isso benefícios mordazes, assaz pertinentes, aos que se comprazem neste círculo de víboras sensualistas

Há quem diga que é melhor comer a cabeça dos justos do que ter a sua injusta cabeleira deitada nos molhos picantes à mesa

Estes são os pequenos piolhos do espírito

Rebocos esquálidos da maldição perene

Exaltados por seus corpos futuramente fumegantes, vulcânicos

Sombrios...

Ser santo em meio a estes é entregar seus sentidos ao sacrifício dos prevaricadores

É, pela verdade, tornar-se voluntariamente banquete para ferozes beluínos

Manjares acerbos que separam, em sua infâmia, cordeiros e cabritos.

O SENTIDO BOREAL DO ESQUECIMENTO

No coração do homem existe um sol que brilha anônimo

Quando não ilumina, não é por imperfeição sua, mas pelos vícios da zona polar onde reside

Esta zona é o próprio coração do homem, que se evade para longe e ignora a luz que aquece dentro.

Nas regiões extremas deste abismo chamado homem, o sol interior, entre ventos cortantes, melodia

Mas seu grito é abafado pelas máximas do mundo! Pelas esferas informadas, pelas tácitas carícias egofânicas

Enquanto tão somente lhe resta a pintura colorida dos efeitos luminares no telhado da noite escura e fria da alma.

Seu plasma, rebatido, faz lembra o fulgor altivo da glória intangível

Sua voz, sempiterna, ecoa discretamente entre os rasgos no céu

E só fazem ouvir ouvidos atentos.

O sol ainda brilha, mas a zona polar é gélida e soturna o suficiente para esquecer sua anuência inescapável

As cores, como cortinas de seda, ilustram a presença de um ator genuinamente cálido

Mas as tundas brancas da água estática que cobrem o abismo cingem a terra úmida que espera o calor deste rei discreto.

Só nos restou, nesta angústia lapsa, um grito de efusão

Brilhe!

Terebre nas alcovas glaciais deste ártico que sou eu mesmo.